

O RETORNO DO "REI DOS MARES" À TERRA DO SOL NASCENTE

William Carmo Cesar*

DE PEARL HARBOR AO HARUMI PIER

Na manhã de 11 de junho de 1968, a bordo do Navio-Escola "Custódio de Mello" (U-26), como de costume, foi lida a Ordem do Dia alusiva à Batalha Naval do Riachuelo e efetuada entregas de medalhas, com a tripulação concentrada a ré, como manda a tradição na Marinha do Brasil (MB).

Aquela fora uma terça-feira singular, além de bastante movimentada desde o quarto d'alva, quando o navio se deslocou do porto de Honolulu para Pearl Harbor. Afinal, comemorar a Data Magna da Marinha naquela histórica base naval norte-americana, alvo do famoso ataque aeronaval japonês da manhã de 7 de dezembro



Chegada a Tóquio em 24 de junho de 1968

de 1941 que levou à entrada dos Estados Unidos na 2ª Guerra Mundial, constituiu-se em um acontecimento marcante para nós, Guardas-Marinha (GM), e certamente para os demais tripulantes do nosso Navio-Escola (NE).

À noite, por volta das 23h, o U-26 suspendeu para mais uma longa travessia, de 3.350 milhas náuticas, com destino a Tóquio, do outro lado do grande Oceano Pacífico. No Japão teríamos a oportunidade de conhecer o outro protagonista daquele evento bélico ocorrido no Havaí, há quase três décadas, como bem aprendemos em Villegagnon, no 4º ano da Escola Naval, nas aulas da então História Militar Naval do Comandante Mário Barreto.



NTr1 "Custódio de Mello"

Pass transportation Tokyo - 1968

Após treze dias de mar, alcançamos a costa de Honshu, a principal e maior ilha do arquipélago nipônico, e demandamos a Baía de Tóquio na manhã do dia 24 de junho, ainda sob o intenso nevoeiro que nos acompanhou durante a metade final da longa singradura.

Por volta das 9h30, uma lancha trouxe para



bordo o nosso Adido Naval acompanhado por um Capitão de Fragata da Marinha japonesa, enquanto uma pequena flotilha de contratorpedeiros da Marinha Imperial desfilava diante do “Custódio de Mello”. Cerca de 11h, embarcou o prático, um simpático e falante senhor, de terno e chapéu de fibra

trançada, portando seu pequeno transmissor portátil que, após as apresentações e informações de praxe no passadiço, deu início às manobras para conduzir o NE até o Harumi Pier, local de nossa atracação.

CHEGADA FESTIVA E UMA ESTADIA REPLETA DE EVENTOS

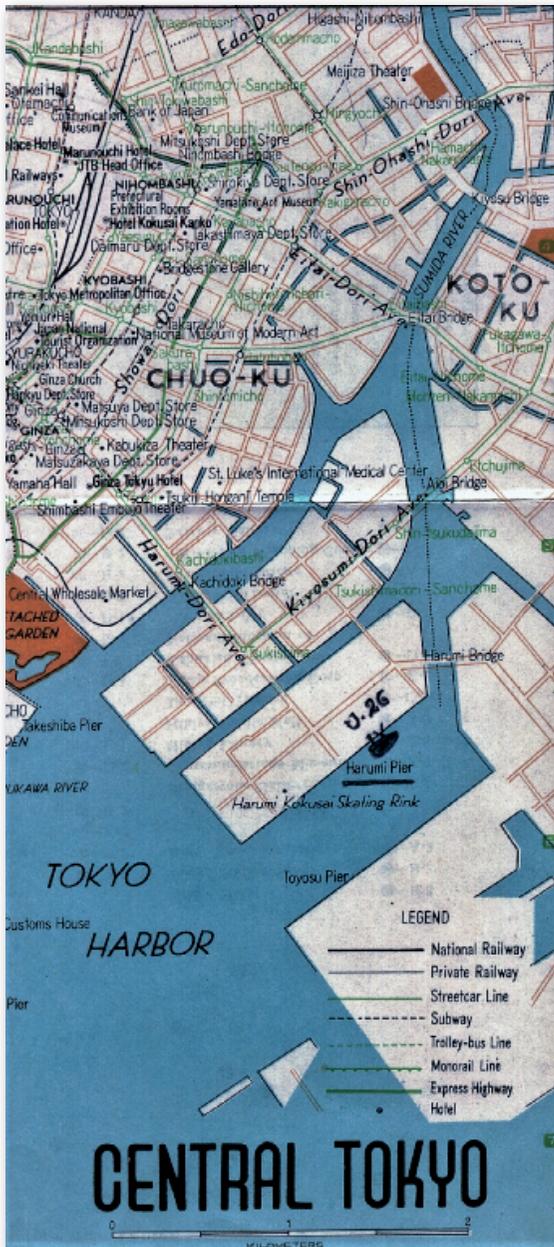
No cais, uma multidão nos aguardava, com uma banda militar naval executando o Cisne Branco, em uma recepção digna para o ex-NTr1 “Custódio de Mello” que retornava ao Japão, onde teve sua quilha batida, em dezembro de 1953, no Estaleiro Ishikawajima Heavy Industries Co. Ltd. Assim foi a chegada do saudoso U-26 ao País do Sol Nascente em junho de 1968, treze anos e meio após ter dali suspenso, novinho em folha, com destino ao Brasil para ser incorporado à nossa Esquadra.

Mas a nossa estadia de oito dias na antiga Edo foi plena de eventos para os Guardas-Marinha, repleta de visitas, cerimônias e recepções oficiais, desde a tarde da chegada.

Como costume dizer, a Viagem de Instrução de Guardas-Marinha (VIGM) é fundamental para consolidar a formação do Oficial de Marinha, com a prática de atividades marinheiras, o treinamento da navegação, a condução de serviços a bordo, o exercício da liderança, bem como o aprendizado de relações internacionais e do saber histórico no exterior. Não é, portanto, essencialmente para a atividade turística, como imaginam, mas como tarefa extracurricular, de entretenimento e também de experiência de vida, o turismo será sempre bem-vindo, especialmente em roteiros exóticos como foi o de nossa circum-navegação, e de veras oportuno...

UMA CERIMÔNIA SINGULAR E PERTINENTE VISITA

No dia seguinte à chegada, participamos de uma cerimônia interessante, para nós singular, no Yasukuni Shrine, um santuário xintoísta.



Local de atracação do NE no Harumi Pier, em Tóquio (junho de 1968)



Panfleto e visita de GM ao Navio-Museu HIMS "MIKASA" (1968) - Capitânia de Togo - Yokosuka



Na chegada ao templo, o Comandante do NE, Capitão de Mar e Guerra Hedno Vianna Chamoun, acompanhado por oficiais, foi recebido pelo Grande Sacerdote, quando houve a tradicional troca de presentes e foi servido um chá. Logo após, passaram pela Fonte de Purificação onde, seguindo o ritual xintoísta, foram “purificados” antes de serem conduzidos ao pátio interno defronte ao Grande Santuário.

Nós, Guardas-Marinha, entramos pelo portão principal, junto com um Destacamento de Praças e uma Banda de Música, em formatura. Após a “purificação” por Sacerdotes com vestimentas exóticas, fomos também levados ao pátio interno. Neste local, com todo o dispositivo do cerimonial formado, o nosso Comandante depositou junto ao santuário uma coroa de flores, conduzida por dois praças de bordo.

Após a cerimônia, acompanhados por guias, tivemos a oportunidade de visitar o Museu de Guerra Yushukan. Logo na entrada, partes de um torpedo-humano (*Kaiten*) e, no interior, fotos, vestimentas, armaduras, armas e pertences dos heróis de guerra. Em uma das salas havia uma foto do Almirante Isoroku Yamamoto, o grande Comandante da Esquadra Combinada japonesa na 2ª Guerra Mundial e, ao lado, uma das pás do hélice da aeronave na qual ele morreu, abatido por caças norte-americanos.

Vale registrar que visitamos todas aquelas dependências do Templo e do Museu fardados, trajando o nosso clássico e elegante uniforme branco externo e meias, excepcionalmente sem os sapatos, deixados em escaninhos na entrada, como manda o ritual e a tradição japonesa.

UMA JORNADA MEMORÁVEL

O dia 28 de junho, uma sexta-feira, foi também atípico em nossa passagem pelo Japão, longo e quase epopeico, digno de ser narrado. Tudo começou às 5h30 da manhã, a bordo do “Custódio”, quando tocou alvorada para os GM. Às sete, já estávamos nos ônibus, de uniforme branco, a caminho do distante aeroporto Haneda da capital japonesa.

Não havia teto quando chegamos, mas mesmo assim embarcamos nas aeronaves da Marinha Imperial que nos levariam até a província de Hiroshima, ao sul de Honshu, dois turboélices YS-11 Samurai que conhecíamos de vista do vizinho Santos Dumont, pertencentes às saudosas Cruzeiro e VASP.

O céu estava longe de ser de brigadeiro e, durante todo o voo, nada se enxergava pelas janelas da aeronave, a não ser volumosas nuvens negras e pesadas. Duas horas depois de muita

turbulência e desconfortáveis vácuos, sobrevoávamos a Base Aérea de Iwakuni, na Baía de Hiroshima, com os pilotos tentando teto para pousar, o que acabou sendo feito, com sucesso, por instrumentos.

Na base aérea, novos ônibus nos levaram até um pequeno cais, onde embarcamos, debaixo de chuva, em embarcações de desembarque, do tipo das nossas EDVP, que nos conduziram até os contratorpedeiros da Marinha Imperial, parecidos e talvez menores que os nossos antigos Classe A.

Foi uma curta navegação através da Baía de Hiroshima, de cerca de uma hora e meia, até Etajima, onde está localizada a Academia Naval Imperial. A enseada nos lembrou muito a nossa Batista das Neves e a ponte de atracação, onde os cadetes nos aguardavam, também nos trouxe gratas recordações da ponte do nosso Velho Barco de pedra, em Angra dos Reis.

Na Academia, cada um de nós foi ciceroneado por um aluno, que nos acompanhou por toda a visita. Fomos direto ao refeitório, para o almoço, após o que nos levaram ao Museu Naval. Percorremos alguns de seus salões, dedicados aos almirantes japoneses, como Ito, Togo, Yamamoto, Nagumo e às suas atuações nas guerras e batalhas navais que conhecemos.

Mas, o que nos chamou a atenção foi a visita às salas de exposições dedicadas aos *Kamikases*, os milhares de pilotos e centenas de torpedistas-humanos que morreram voluntariamente lançando suas aeronaves e torpedos tripulados *Kaiten* sobre os navios inimigos. No acervo, apresentado com sagrada reverência pelos alunos, muitas fotos, objetos pessoais, cartas e bilhetes de despedidas, na maioria dos quais se limitavam a dizer:

“A meus pais, irmão, tios, primos e amigos, Adeus!”

Por último, fomos conhecer algumas instalações da Escola, como salas de aula, cantina e o salão nobre onde são realizadas as cerimônias, premiações e formaturas.

No caminho de volta ao cais, pudemos observar algumas peças de artilharia que pertenceram ao Encouraçado “Nagato”.

No retorno aos destroieres, à medida que a lancha ia se afastando do cais, alunos e oficiais em formatura acenavam com os bonés à moda japonesa, girando-os em círculos ao alto com as mãos, em gestos de adeus!

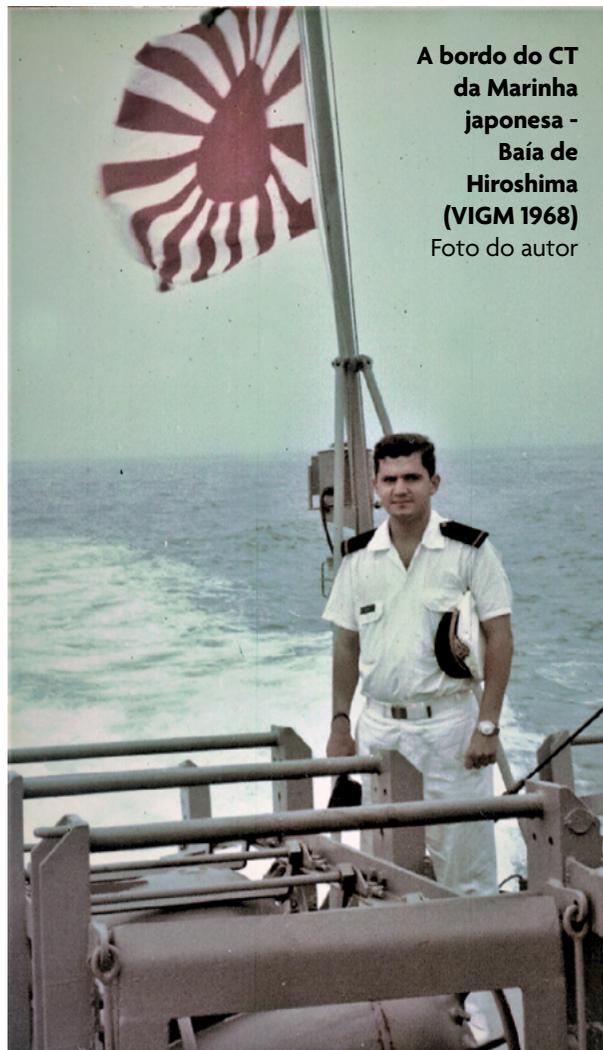
Percorremos, no regresso a Tóquio, todas

aquelas etapas da viagem de ida, da navegação nos destroieres ao voo nos YS-11, desta vez passando à vista de Hiroshima. No sobrevoou da capital, apesar da chuva, pudemos apreciar o espetáculo multicolorido da iluminação noturna da grande metrópole, uma mostra do desenvolvimento da eletrônica japonesa.

Chegamos a Harumi exaustos, mas a meu juízo, tudo valeu a pena!

O EX-NTR1 SE DESPEDE DO PAÍS DO SOL NASCENTE

No dia 1º de julho de 1968, às 15h40, foi tocado Postos de Suspende no NE “Custódio de Mello”. No cais, uma multidão se somava à banda japonesa para nos prestar as últimas homenagens. Emocionado, o divertido japonês que coordenou os transportes em todas as nossas atividades e representações, e sempre ia à frente com seu carro parando o trânsito quando necessário para a nossa passagem, apelidado afe-



**A bordo do CT
da Marinha
japonesa -
Baía de
Hiroshima
(VIGM 1968)
Foto do autor**

tivamente pelos GM de “Alegria Alegria”, chorava emocionado com a despedida. Finalmente, o navio largou suas últimas espias e suspendeu com destino ao porto seguinte, Manila, nas Filipinas.

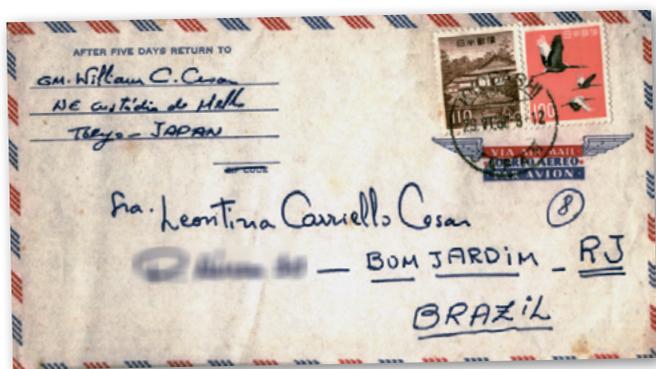
A inclusão do distante Japão no roteiro de nossa Viagem de Instrução de Guardas-Marinha, uma memorável circum-navegação, foi uma dádiva e a visita a Tóquio, ainda que a programação tenha sido um tanto sobrecarregada, não deixou de ser positiva e interessante.

Mas o País do Sol Nascente vai muito além da antiga Edo dos tempos do Xogunato Tokugawa, rebatizada Tóquio e transformada em capital em 1868, por ocasião da Restauração Meiji, cujo centenário, por uma feliz coincidência, ocorreu no ano da visita do nosso NE à cidade.

O Japão é um magnífico e organizado país, de fortes tradições e costumes orientais, com uma história milenar e complexa, belezas naturais diversas e exóticas construções, como se pode observar nos charmosos jardins e na maravilhosa arquitetura dos palácios, templos e santuários e nos elegantes Torii, os portais xintoístas, mas também moderno, atualizado e tecnologicamente superdesenvolvido.

Uma pena não termos tido mais tempo livre, que nos permitisse visitar suas fascinantes e célebres cidades históricas, como Nikko, Nara, Kyoto ou Hiroshima e Nagasaki, viajando no seu moderno e veloz trem-bala.

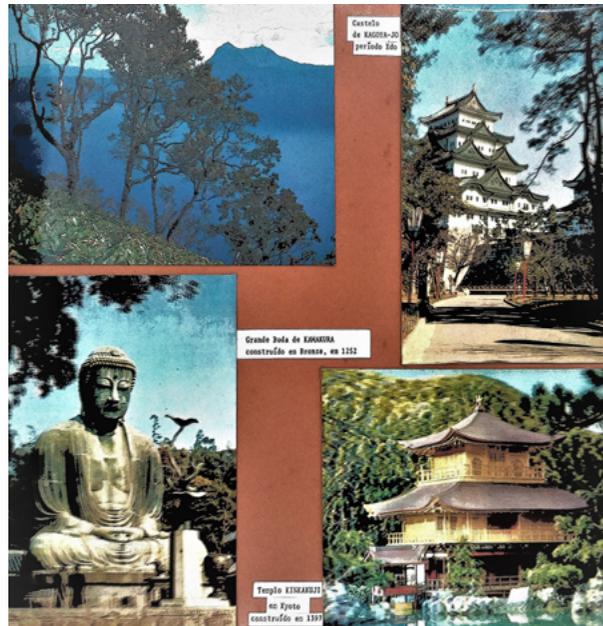
Fica para uma próxima viagem. Quem sabe...



Ainda era época de cartas - álbum do autor (VIGM 1968)

POST SCRIPTUM

Ao ensejo, como integrante da Praça d'Armas do “Custódio de Mello”, de dezembro de 1975 a março de 1978, quando fui Encarregado de Comunicações de PWJP além de Instrutor



Postais do Japão - álbum do autor (VIGM 1968)

de Guardas-Marinha em duas viagens (1976 e 1977), julgo oportuno trazer de volta à memória os derradeiros e relevantes eventos relacionados ao saudoso navio que, em dezembro de 2023, estaria completando setenta anos de batimento de quilha no Japão.

O U-26 realizou sua última VIGM em 1986, tendo sido, no ano seguinte, substituído pelo U-27 NE “Brasil”, nosso atual navio-escola. Designado novamente navio-transporte, com indicativo de costado G-20, o velho “Custódio” operou ainda por cerca de quinze anos na MB, até 2002, ano em que foi realizada, no dia 8 de outubro, sua Mostra de Desarmamento, com o navio atracado no cais da Base Naval do Rio de Janeiro, baixa que completou duas décadas em 2022.

Parabéns, U-26, pelos 48 anos de bons serviços prestados à nossa Esquadra, hoje bicentenária!

Bravo Zulu, “Rei dos Mares”, pelas vinte e oito VIGM bem conduzidas! ■

REFERÊNCIAS

- CESAR, William Carmo. “O NE Custódio de Mello e sua X Viagem de Instrução”. In: Revista Marítima Brasileira, Abr/Jun 1987, SDGM.
- . _____. A Terra é Azul e Redonda. De Magalhães a Gagarin uma história das circum-navegações. Rio de Janeiro: SDM, 2020.
- . _____. Álbum e Diário da Viagem de Circum-navegação de 1968 (não editados).

* Capitão de Mar e Guerra (Refº)